

DICOTOMIA RURAL/URBANA EM AMBIENTE ESCOLAR: COMBATES ATRAVÉS DE IMAGENS DESESTABILIZADORAS

Carina Merheb de Azevedo Souza
Doutoranda na Faculdade de Educação/ Grupo OLHO/ Unicamp
camerheb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Esse trabalho parte da minha pesquisa de doutorado cuja preocupação se orienta na reflexão sobre a dicotomia estabelecida entre os espaços rurais e urbanos nos livros didáticos de Geografia de sexto e sétimos anos da Educação Básica, usando a concepção de que essas classificações podem asfixiar o pensamento espacial, paralisando a linguagem e a reflexão sobre o tema.

Entre outras preocupações que tenho como professora e pesquisadora dentro do ambiente escolar, esse é um dos que me chamam a atenção por lidar de forma muito estática sobre o assunto, que possui novos processos de resignificação; e isso o faz necessitar de novos instrumentos de análise.

O incômodo por essa categorização espacial surgiu tanto a partir das minhas próprias práticas docentes, bem como do questionamento pelo hábito de se pensar o espaço como uma superfície, como Massey (2009) propõe.

Trata-se também de uma reflexão sobre as novas linguagens e imagens realizadas pelos alunos a partir de propostas de experimentações que tiveram como objetivo ultrapassar as fronteiras do currículo habitual, descobrindo potências menores na educação.

A pesquisa centraliza-se em obras produzidas dentro de práticas educativas através de experimentações dentro da sala de aula, que de alguma maneira teriam potencialidades para se colocar como conexão entre a compreensão dos alunos sobre o tema e aquela que é encontrada em livros didáticos e propostas curriculares.

O objetivo da pesquisa é analisar como essas experimentações provocam os currículos para outras direções; como as imagens e fotografias utilizadas nas práticas observadas desviam de caminhos a partir de outros percursos, criando alterações micropolíticas.

A dicotomia rural e urbana nas imagens dos livros didáticos

É indiscutível o uso que a imagem ocupa nos livros didáticos como constituição de significados dos assuntos tratados na disciplina de Geografia.

Esse tipo de abordagem imagética que se verifica nos livros faz parte de um universo onde as fotografias funcionam apenas como prova documental das palavras; enfatizando ou comprovando aquilo que o texto já registrou.

Além disso, os livros didáticos ocupam destaque nas salas de aula e práticas educativas dos docentes; pois funcionam como material de referência e fonte fidedigna de conhecimento científico por alguns professores, determinando muitas vezes como os assuntos serão abordados nas aulas.

A Geografia dos livros didáticos procura quase sempre classificar e denominar os territórios de formas binárias: desenvolvido/subdesenvolvido, agrário/industrial, centro/periferia, rural/urbano, etc. O problema desse tipo de classificação é que pode gerar elementos formadores de significados fixos para os alunos sob a lógica espacial.

Seguir o modelo de aprendizagem adotado pelos livros acaba sendo uma maneira segura de não “errar” o conteúdo a ser trabalhado, já que o mesmo se constitui através de textos didaticamente elaborados, e inclusive determina imagetivamente suas informações pelo uso de fotografias, mapas, gráficos e tabelas, tornando-se assim forma garantida e confiável de dados; e ao mesmo tempo funcionando como fonte documental. De acordo com Tonini, a análise das imagens do livro didático possui um significado importante nas escolas (2003, p.36):

Investida teórica na Geografia Cultural, na vertente pós-estruturalista, possibilita perceber que um mesmo objeto de análise – livro didático – poderia ser examinado por ângulos diversos, conforme a teoria adotada como lente adotada para uma determinada leitura. Nestes termos, o livro didático não é somente um “depósito” de conteúdos, lugar onde os autores registravam os conhecimentos geográficos, mas também, e principalmente, um lugar de produção de significados, como um artefato cultural no qual as verdades são fabricadas e postas em circulação. O livro didático é uma peça da maquinaria escolar inserida numa arena política, cujo jogo autoriza certos discursos e desautoriza outros.

A partir dessa corrente, podemos ter novos questionamentos sobre o uso das imagens utilizadas nos livros. Não se trata de negar o que está ali representado; muito menos escolher qual seria a mais correta ou verdadeira imagem sobre o tema, mas sim criar novos mecanismos inventivos dos significados que ali estão.

Essas ideias binárias sobre o espaço contraria o que Massey (2009) propõe, que seria o espaço como uma multiplicidade de durações, de trajetórias múltiplas e de uma simultaneidade de histórias-até-agora. Assim como para Laclau (1990), que argumenta espaço equivalente à representação ao fechamento ideológico.

Como professora e pesquisadora, senti a necessidade de apontar e experimentar outras ações, que de alguma maneira teriam potencialidades para se colocar como conexão entre a vivência dos alunos e prescrições do currículo e do livro didático, visando estabelecer uma proposta menor de educação, que se efetivaria nas experimentações realizadas a partir de imagens desestabilizadoras que serão apresentadas posteriormente.

Os livros didáticos que foram utilizados nessa pesquisa são os mesmos que foram selecionados pela escola em que a experimentação foi realizada. Inicialmente, apresentarei as imagens que tratam sobre o tema para ilustrar a forma dicotômica como esse assunto as apresenta, com ênfase apenas nos livros do sexto ano para diminuir a extensão do tema nesse texto.

As imagens a seguir são parte do capítulo 2. “Espaços da produção”, que se referem ao meio rural como as atividades ligadas à produção de matérias-primas, como a agricultura e a pecuária.

Figura I – Agricultura de contrastes (rural)

Uma agricultura de contrastes

Enquanto em algumas lavouras brasileiras há o emprego de alta tecnologia, em outras se utilizam técnicas rudimentares. Observe as imagens abaixo.

A



B



Maquinas utilizadas em colheita de milho, na zona rural de Capão Bonito, no Rio Grande do Sul, em 2011.

Agricultor trabalhando na colheita de erva-mate, no município de Venâncio Aires, no Rio Grande do Sul, em 2010.

1. Compare as duas paisagens rurais apresentadas nas fotografias A e B. Em qual delas pode-se perceber maior emprego de tecnologia?
2. Como a técnica utilizada afetará a produção em cada uma das propriedades mostradas? Dê a sua opinião.

Fonte: Geografia: espaço e vivência. Introdução à ciência geográfica.

Figura II: A bovinocultura brasileira



Alimentação de gado na criação intensiva, em Colina, no estado de São Paulo, em 2010.

Pasto com criação extensiva de gado bovino no município Carmo do Rio Claro, em Minas Gerais, em 2010.

Fonte: Geografia: espaço e vivência. Introdução à ciência geográfica.

Nota-se que as duas figuras tratam do rural com imagens que sempre ocupam o imaginário coletivo: animais, tratores, trabalhadores campestres e pastos. O rural é abordado notadamente como atividade econômica, reduzindo inclusive as percepções espaciais sobre ele. Alguns pesquisadores alertam inclusive sobre o risco existente dessas imagens extenuantes já estarem presentes nos primeiros anos escolares, nos quais as crianças vão absorvendo conceitos de que o mundo rural é inferior e o mundo urbano, o caminho para o desenvolvimento. (Arboit & Pacheco, 2013).

A dificuldade para esse trabalho foi justamente tentar desestabilizar identidades marcadas tanto pela escola como fora dela. Pode-se notar que o cenário campestre e urbano foi alterado há décadas, e suas classificações contam com interesses políticos, econômicos e sociais.

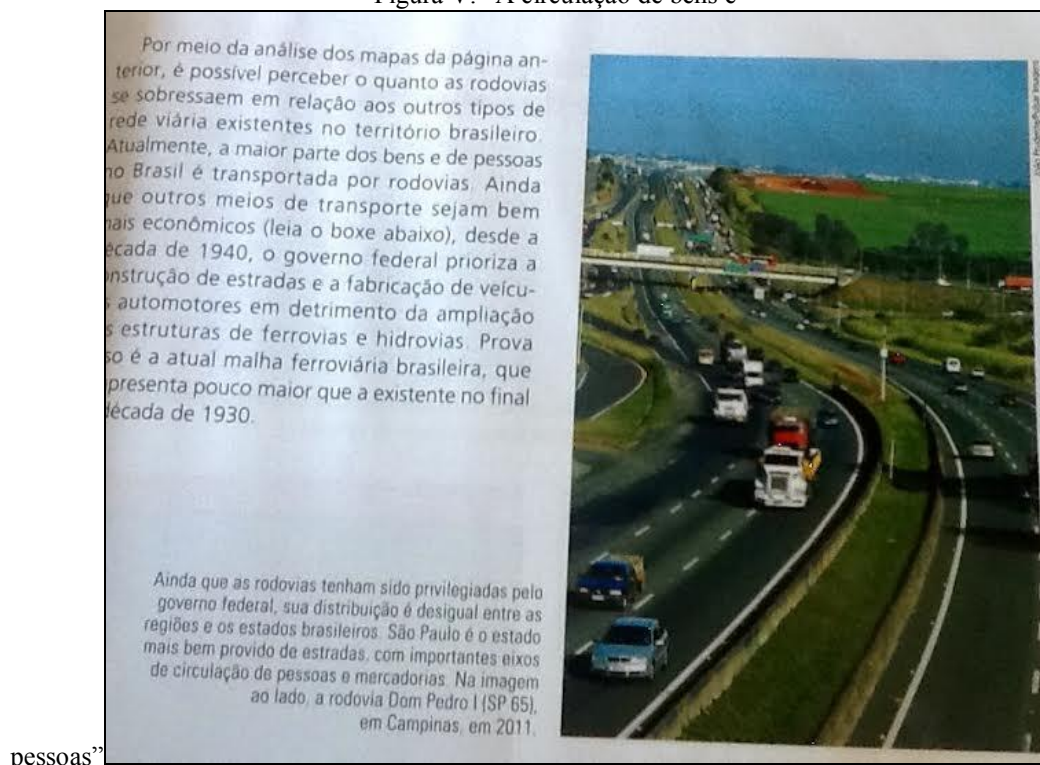
Em relação às imagens urbanas propostas no mesmo livro, elas estão presentes no capítulo 3: “Os espaços da circulação e do consumo”, cujo tema também se direciona à atividades econômicas produzidas dentro da cidade – produção de bens (alimentos, roupas, automóveis e materiais de construção) e de serviços (fornecimento de água, energia elétrica, atendimento escolar, assistência à saúde, lazer e entretenimento), para a comercialização e consumo:

Figura IV: “Consumo e desigualdades sociais”



Fonte: Geografia: espaço e vivência. Introdução à ciência geográfica

Figura V: “A circulação de bens e



Fonte: Geografia: espaço e vivência. Introdução à ciência geográfica

Diante de tais imagens e classificações, observa-se que existem alguns erros conceituais, tais como: considerar atividades econômicas de entretenimento e lazer como essencialmente urbanas, sendo que há alguns anos as mesmas deslocaram-se para o “rural” como alternativa espacial – hotéis fazendas, spas, casas de show, etc. Além disso, a desigualdade social não é necessariamente urbana, pelo contrário – movimentos sociais como MST (Movimento dos Sem Terras), combatem precisamente essa situação.

Há uma enorme literatura acadêmica que desmistifica essas classificações tão binárias, na qual pesquisadores como José Eli da Veiga e José Graziano da Silva, ambos economistas, defendem a ideia de que o Brasil não é urbano (Veiga, 2003) e o Brasil rural vai além do agrícola e agrário (Silva, 1996).

Sendo assim, as tradicionais qualificações de rural e urbano, não corresponderiam mais a esse novo contexto em que a sociedade passa, pois não abarcaria os fenômenos que constantemente criam e recriam as formas e conteúdos presentes no espaço.

Em decorrência dessas imagens e de suas classificações, é que a pesquisa se direciona: sem recusar o que já está estabelecido, mas possibilitar novas reflexões a partir de imagens que não fixam o pensamento, e sim estimulam novos caminhos a serem percorridos – tanto na forma imagética quanto espacial.

O desafio de alterar esse cenário dicotômico, parte da classificação estabelecida e a aposta no uso de imagens desestabilizadoras utilizadas na experimentação escolar como proposta de alteração curricular – por exemplo, as alterações dos sujeitos identificados em cada espaço, no seu adverso.

Imagens desestabilizadoras

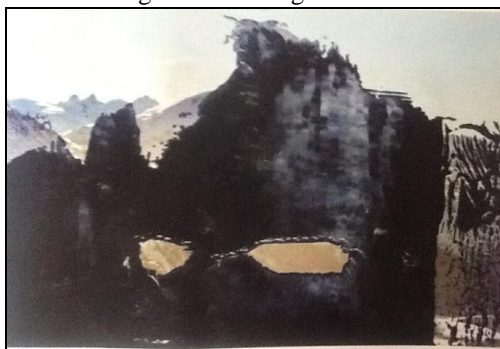
O caminho a ser percorrido na tentativa de combater a dicotomia da classificação rural/urbana na pesquisa foi em um primeiro momento fazer os alunos escolherem palavras que classificassem essas duas instâncias. Com a lousa da sala dividida, foi solicitado que os alunos escrevessem livremente o que eles considerassem urbano de um lado; e rural do outro.

As palavras surgiram do que sempre percorreu essa dicotomia – tanto no imaginário, bem como o que os alunos aprenderam anteriormente na escola. Nesse momento, como pesquisadora senti uma das primeiras falhas: se a minha intenção era desestabilizar essa conjugação, por qual razão ainda não havia me desvencilhado dessa ideia? Se um dos meus combates era esse, com que finalidade iniciei minha aula falando justamente dele ao dividir a lousa em rural e urbano? Foram nessas perturbações que percebi que o desafio começava inicialmente por mim. O que eu poderia esperar dos alunos se eu mesma ainda estava asfixiada por ele? Esses questionamentos dificultaram o processo de desestabilização, porém foram essenciais como objeto de pesquisa.

Em um segundo momento, os alunos tiveram contato com as imagens que desestabilizariam o tema, cuja proposta foi a de que eles rasurassem os desenhos e os nomeasse. Nessa etapa, foi um encontro de outros possíveis modos de pensar-habitar esse problema tornando a linguagem fotográfica como intercessora.

A pesquisa e seleção dessas imagens que compuseram a experimentação escolar contou com a colaboração dos pesquisadores do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO, da Faculdade de Educação/ Unicamp.

Figura VI: Paisagem rural



Fonte: <https://www.gerhard-richter.com/en/art/overpainted-photographs/rural-landscapes-75?p=2&sp=32>.

Acesso em 03/09/2015

Figura VII: A vida no campo



Fonte: <http://voltaparafuso.blogspot.fr/2012/03/falsa-dicotomia-entre-o-rural-e-o.html>. Acesso em 3/09/2015

Optei pela escolha dessas duas imagens para compor esse texto, porém há um acervo de tantas outras que também foram apresentadas aos alunos.

A primeira trata-se de uma obra do artista Gerard Richter. A imagem coloca-se diante de nós uma figura – paisagem rural, segundo o artista – um pouco mais abstrata, na qual os alunos ficaram bastante confusos na tentativa de nomeá-la. A opção por essa obra é porque ele denomina de paisagem rural uma imagem em que as formas identificadas como caracterização do rural não aparecem – ou aparecem misturadas e indistintas a outras formas, que não são nem mesmo urbanas, mas formas da própria pintura, fazendo com que o rural destas paisagens tenha que ser buscado para além da “figuração da imagem”, talvez nas cores, ou em outras coisas que a imagem remete a cada um que, ao encontrar ali o rural (e não encontrar).

A segunda imagem trata-se de uma das fotografias de um ensaio do fotógrafo português Álvaro Domingues, que defende a ideia de que não há paisagem para sempre, de que elas são o registro de uma sociedade que muda e, se a mudança é tanta, haverá sinais, para além de pouco tempo e muito espaço para compreender ou digerir as marcas como se vão atropelando. Além disso, essa escolha foi feita, pois mostra numa mesma imagem formas que são classificadas separadamente nas fotos dos livros didáticos (ele coloca numa mesma imagem o rural e o urbano). Esse conceito vai ao encontro que Massey (2009, p.201) propõe; que seria o de lugar como eventualidade:

Espaço e tempo, juntos, resultado desse múltiplo devir. Então o “aqui” é nada mais (e nada menos) do que o nosso encontro e o que é feito dele. É, irremediavelmente, aqui e agora. Não será o mesmo “aqui” quando não for mais agora.

Continuar a insistir na dualidade urbano/rural é como olhar para a sociedade e território como conceitos desfocados, num jogo de espelhos que perdem o sentido, principalmente espacial. A intenção no uso de tais imagens foi justamente a de que os alunos movessem seus sentidos para outras miradas, criando novas possibilidades de percepção espacial acerca do lugar onde vivem e também fora dele.

Combates no caos gerado

Os resultados encontrados nessa experimentação trouxeram para mim, revelações e descobertas que como pesquisadora e professora, não imaginaria ter. Dos momentos mais difíceis; a desconstrução da relação binária dos propósitos que a Geografia sempre procurou estabelecer nos livros didáticos e que a mim estavam bastante paralisados. A passagem da música de Caetano Veloso ‘Sampa’, talvez cosiga sintetizar essa grande dificuldade: “[...] Porque és o avesso do avesso do avesso do avesso [...]”.

Foi e ainda é necessário desconstruir meus pensamentos como geógrafa e professora, para que os objetivos da pesquisa pudessem ser efetivados. Em relação a isso, Orlandi (2011, p. 145), sintetiza a relação das experiências do aprendizado:

Para pensar com radicalidade crescente a experiência do aprendizado, um tal educador ou professor deveria consultar assiduamente pelo menos duas porções do caos: aquela porção com a qual ele não para de se emaranhar, simplesmente por estar vivo e por ser portador de um cérebro [...]; e aquela

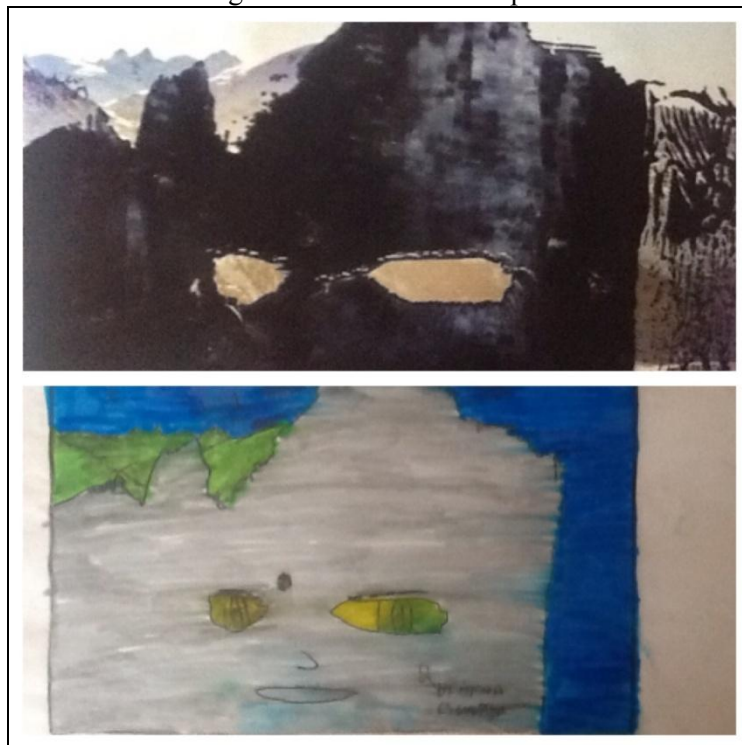
grande porção do caos que ele encontra a cada passo, justamente por envolver-se com o aprendizado dos outros, seja daqueles que outrora eram denominados discípulos, educandos, alunos, etc., seja daqueles que já se livraram de certos bancos escolares.

A partir dessas duas porções do caos da qual Orlandi interpreta é que os combates da dicotomia proposta na pesquisa foram realizados. A primeira porção do caos supracitada tem a ver com a minha própria condição profissional, e problemas em relação ao tema vinculados à minha formação acadêmica e minha inserção profissional docente, uma vez que ambas reafirmaram ao longo dos anos a distinção dicotômica entre rural e urbano, entre campo e cidade.

A segunda, se refere à produção que os alunos desempenharam nas experimentações. Tomo como exemplos a reverberação das figuras VI e VII ao longo da experimentação escolar. Foi notado em primeira instância um estranhamento por parte dos alunos em relação à desestabilização proposta: “o que são essas imagens?”; “o que elas significam?”, “de onde são?” “pra que serve isso, professora?” e “vai valer nota se eu te responder?” – foram perguntas recorrentes.

O segundo caos – que se encontra a cada passo, como Orlandi propõe foram os primeiros traços que rasurados na proposta da experimentação, que era a de corromper as imagens e classificá-las espacialmente segundo seus desejos.

Figura VII: “Urbana esculpida”



Fonte: Acervo pessoal

Nessa imagem, o aluno desconstruiu a figura transformando-a em outra mirada: a paisagem se transformou em observadora, ganhando feições humanas como olhos, boca e nariz. O aluno argumentou que ao invés de observar o cenário, fez com que o mesmo se transformasse em observador; invertendo os papéis e funções do próprio conceito de paisagem ecoado nos livros didáticos – conjunto de elementos que a

visão alcança. Em uma de suas respostas, disse que preferia a paisagem assistir ao cenário que a experimentação lhe propôs, como se isso o pudesse isentá-lo de refletir sobre o tema, dando à imagem a sua função de aluno. Esse, o terceiro caos: a combinação de aprendizados, tanto de sujeitos bem como de objetos.

Como Massey (2009, p. 203) ressalta:

Isto é a eventualidade do lugar, em parte, no simples sentido de reunir o que previamente não estava relacionado, uma constelação de processos, em vez de uma coisa. Este é o lugar enquanto aberto e enquanto internamente múltiplo, não capturável como um recorte através do tempo no sentido de um corte essencial. Não intrinsecamente coerente.

Outro aluno, propõe uma rasura espacial com o título de “Vila do Chaves”; personagem mexicano, e a inserção de alguns elementos como: ‘hortinha da professora’, ‘minha piscina’, ‘curral’, ‘festa da professora’ e ‘meu quarto’.

Figura VII: “Vila do Chaves”



Fonte: Acervo pessoal

O aluno não desconstruiu completamente os elementos dicotômicos do rural e do urbano, mas se propôs a ir de um espaço ao outro, incluindo personagens fictícios e reais entre eles. Houve a transformação do real, em outras particularidades provocando um diálogo entre o espaço que morava nele; e o outro, fictício. Rompido pelas barreiras físicas de seu entorno e um papel destinado a observar as coisas ao seu redor, ampliou as suas observações, incluindo escolhas e significados espaciais com novas possibilidades – fazendo surgir questionamentos e trajetórias de uma ação educativa que não se fecha nela mesmo. Calvino (1990, p.4) em Cidades Invisíveis sugere esse caminho:

As cidades, assim como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa.

Assim como Calvino, o aluno nos faz pensar a imagem não como um espaço demarcado num território, mas como um símbolo complexo e inesgotável da sua própria existência, que não se restringe às construções, mas agrega a ela outros modos de apropriações do espaço – as multiplicidades.

As vilas, as esculturas...os combates

Das perambulações, encontros e desencontros com a dicotomia rural/urbana e as propostas das experimentações: o aprendizado e a inversão do lugar daquilo que sempre moveu e instigou minhas práticas pedagógicas – a escuta do/no outro (os alunos), o abandono da função de professora como interlectora da absoluta verdade, permutando a busca pelo novo, condições inéditas e a tentativa de fazer (des)ocupar aquilo que já foi estabelecido por inúmeros vínculos, tais como: livro didático, PCNs, conteúdo programático constituído pela escola e o currículo pré-estabelecido. O desafio foi grande e desestabilizador, em grande medida por todas essas provocações. Gallo (2005, p. 81) conforta esse grande incômodo:

Ora, se a aprendizagem é algo que escapa, que foge ao controle, resistir é sempre possível. Desterritorializar os princípios, as normas da educação maior, gerando possibilidades de aprendizado insuspeitadas naquele contexto. Ou, de dentro da máquina opor resistência, quebrar os mecanismos, como ludistas pós-modernos, botando fogo na máquina de controle, criando novas possibilidades. A educação menor age exatamente nessas brechas para, a partir do deserto da miséria da sala de aula, fazer emergir possibilidades que escapem a qualquer controle.

Mobilizações foram criadas a fim de propor e expor experiências espaciais dos alunos, a partir da seleção de fotografias que de certo modo, desestabilizaram o modo de se pensar o espaço em que eles vivem, desterritorializando a fixidez conceitual. Nessa experimentação, houve um encontro de outros possíveis modos de pensar-habitar esse problema, tomando a linguagem fotográfica como intermediadora.

Essas inquietações espaciais conectam-se às ideias de Doreen Massey (2009), que propõe o espaço como vivo e desafiador, e que, longe de ser morto e fixo, a própria enormidade de seus desafios significa que as estratégias para dominá-lo têm sido muitas, variadas e persistentes. Para essa autora, o social é construído através das negociações de relação dentro da multiplicidade.

No ambiente escolar, a experimentação buscou outras formas de se pensar esta relação espacial além da representação habitual construída, onde o rural e o urbano insistem em surgir como dois espaços inter-dependentes, mas divididos entre si. Uma vez que essa distinção que dicotomiza se faz fortemente amparada na figuração visual dada ao campo e à cidade como duas formas espaciais paisagisticamente antagônicas, aposta-se em práticas educativas onde as imagens – fotografias sobretudo – fujam desta figuração habitual, provocando desfigurações que possam derivar os pensamentos e

criar novas figuras para esta relação espacial, levando-a a re-existir outra, assim como colocam em circulação na escola fotografias que não são (apenas) provas documentais da escrita que dicotomiza a cidade e o campo.

Referências bibliográficas:

BOLIGIAN, Levon. *Geografia espaço e vivência: introdução à ciência geográfica*, 6º ano. São Paulo, Saraiva, 2013.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

GALLO, Silvio. *Deleuze & a Educação*, Belo Horizonte: Autentica, 2003.

MASSEY, Doreen. *Pelo espaço: Uma Nova Política da Espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009

ORLANDI, Luis. B. L. *Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...* In: *Deleuze – entre caos e pensamento*. Petrópolis – RJ : De Petrus; Brasília, DF: CNPq, 2011.

PACHECO, Lucy Mary Duso. *Exclusão social no mundo rural: ideologia e poder nos livros didáticos*. Vivências: Revista Eletrônica de Extensão da URI. Vol.9, N.16: p. 140-152, Maio/2013

SILVA, José Graziano. *O rural paulista muito além do agrícola do agrário*. http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v10n02/v10n02_09.pdf. Acesso em 03/09/2015.

VEIGA, José Eli. *Cidades imaginárias: O Brasil é menos urbano do que se calcula*. Campinas- SP: Autores associados, 2003.

TONINI, Ivane Maria. *Imagens nos livros didáticos de geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia*. Mercator - Revista de Geografia da UFC, ano 02, número 04, 2003